

ESTRUTURAS DE SIGNIFICAÇÃO EM ROMANOS 11:33-36: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA SOB A PERSPECTIVA DE GREIMAS E LÓTMAN

Anderson Silva de ARAUJO¹
Vitor Emanuel Correa de MESQUITA²

Recebido: 30/03/2025
Aprovado: 10/08/2025

Resumo

Este artigo analisa Romanos 11:33-36 a partir da abordagem semiótica, empregando a análise sêmica e isotópica de Greimas e a semiótica cultural de Lótmán. O objetivo é investigar as estruturas de significação presentes no texto, examinando como diferentes isotopias figurativas e temáticas contribuem para sua construção discursiva. A metodologia combina a decomposição semântica do enunciado com a análise da organização textual em seu contexto cultural. Os resultados evidenciam a oposição entre conhecimento e incompreensibilidade, a relação entre causalidade e finalidade no discurso e a estruturação do texto em torno de um percurso que enfatiza a hierarquia entre os elementos apresentados em relação a Deus.

Palavras-chave: Semiótica. Greimas e Lótmán. Bíblia. Grego. Semiótica Bíblica.

STRUCTURES OF SIGNIFICATION IN ROMANS 11:33-36: A SEMIOTIC ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF GREIMAS AND LOTMAN

Abstract

This article analyzes Romans 11:33-36 using a semiotic approach, employing Greimas' semic and isotopic analysis alongside Lotman's cultural semiotics. The objective is to investigate the structures of signification within the text, examining how different figurative and thematic isotopies contribute to its discursive construction. The methodology combines the semantic decomposition of the utterance with the analysis of its textual organization within a cultural context. The results highlight the opposition between knowledge and incomprehensibility, the relationship between causality and purpose in discourse, and the structuring of the text around a trajectory that emphasizes the hierarchy among the elements presented in relation to God.

Key-words: Semiotics. Greimas and Lotman. Bible. Greek. Biblical Semiotics.

¹ Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS-Fiocruz). Especialização em Informação científica e tecnológica em saúde (2019). Graduação em Letras - Português e Grego pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e graduação em Teologia - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Doutorando em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS-Fiocruz). Email: anderson.araujo@fiocruz.br

² Mestrando em Ciências das religiões pela UESP. Pós-graduando em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa pela UNINASSAU. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela UNINTER. Pós-graduado em História do Cristianismo pela FABAT. Formado em Teologia pela UNESA. E-mail: prof.vitoremanuel@gmail.com.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótmán. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

INTRODUÇÃO

A semiótica é, essencialmente, o estudo dos signos e dos processos de significação, um campo que permeia nossa compreensão do mundo. Desde os gestos mais simples até as complexas estruturas narrativas e simbólicas da cultura, tudo está imerso nesse jogo de significados e interpretações. Como ciência dos signos, desenvolveu-se a partir das reflexões de dois grandes pensadores: Charles Sanders Peirce e Ferdinand de Saussure. Peirce propôs uma teoria semiótica que compreende o signo dentro de uma estrutura triádica composta por três elementos interdependentes: *representamen*, objeto e interpretante. O *representamen* é o signo propriamente dito, aquilo que pode ser percebido pelo intérprete, seja uma palavra, uma imagem ou um som (Peirce, 2005, p. 46), ou como apresenta Peirce “(...) é tudo aquilo que, sob um certo aspecto ou medida, está para alguém em lugar de algo” (CP, 2.228)³. O objeto é a realidade à qual o signo se refere, podendo ser algo concreto ou abstrato (Peirce, 2005, p. 47-48), que segundo ele pode ser “uma coisa material do mundo”, do qual temos um “conhecimento perceptivo” (CP, 2.230). O *interpretante* é a interpretação ou o efeito gerado pelo signo na mente do receptor, ou seja, o significado atribuído a ele (Nörth, 2009, p. 71; CP, 8.179).⁴ Mas a semiótica peirciana não se restringe apenas ao estudo isolado dos signos, mas se concentra na maneira como eles se articulam para dar origem ao conhecimento e à comunicação. Para Peirce, a semiose não é um fenômeno estático, mas um processo dinâmico e social, no qual o significado se constrói continuamente através da interação entre signos e interpretações (Peirce, 2005, p. 45). O pensamento, nesse sentido, não ocorre de forma linear ou fechada, mas se manifesta como um fluxo constante de relações mediadas por signos.

Por outro lado, Saussure propôs um modelo diático do signo, composto por significante e significado (2006, p. 79-84).⁵ A principal contribuição de Saussure está na sua concepção de língua

³ Jakobson também foi fundamental para o desenvolvimento da semiótica, integrando as teorias de Peirce e Saussure. Reconheceu Peirce como precursor da análise estruturalista e valorizou a abordagem sistêmica de Saussure sobre a linguagem. Jakobson destacou a ideia de interpretante de Peirce, defendendo uma semântica linguística imanente e aproximando-a da filosofia analítica centrada no referencial não-linguístico (Brodén, 2017, p. 305). Além disso, Jakobson contribuiu para a tradutologia, utilizando a concepção peirciana de signo para distinguir entre tradução interlinguística, intralinguística e intersemiótica, reforçando a dinamicidade da semiose (Brodén, 2017, p. 306).

⁴ Esses três componentes interagem em um processo contínuo denominado semiose, que não é apenas um ato isolado, mas uma cadeia dinâmica e em constante expansão, onde um signo gera sempre outro signo, permitindo que o processo de comunicação seja ilimitado e sempre em evolução.

⁵ A semiótica do Genebrino é um dos pilares fundamentais para o estudo dos signos e da linguagem, assim como fora observado com Peirce. No século XIX e início do século XX, desenvolveu uma teoria estruturalista que revolucionou os estudos linguísticos da época e influenciou diversas áreas do conhecimento

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótmann. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

como um sistema de signos (2006, p. 17). Ele distingue a linguagem (faculdade humana de se comunicar) da língua (um sistema específico compartilhado por uma comunidade) e da fala (uso individual da língua). Para ele, a língua “é um todo por si e um princípio de classificação” (2006, p. 17) e deve ser estudada como um sistema autônomo, com relações internas que estruturam seu funcionamento. Ainda sobre esta dicotomia, Saussure mais a frente apresenta que “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias”, e por isso “é comparável, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas” (2006, p. 24). No centro de sua teoria está o conceito de signo linguístico, que é composto por duas faces indissociáveis: o significante (a forma sonora ou gráfica da palavra) e o significado (o conceito ou ideia associada a essa forma). A definição de Saussure descreve o signo linguístico como “uma entidade psíquica de duas faces” (Saussure, 2006, p. 80). Em sua obra, Saussure ilustra essa relação, apresentando a palavra latina *arbor* como a sequência de sons associada ao conceito de “árvore” (Saussure, 2006, p. 79). Essa associação psíquica entre significante e significado é essencial no processo de comunicação, influenciando tanto a produção quanto a recepção da fala. A perspectiva saussureana sobre a natureza do signo linguístico continua sendo fundamental para os estudos contemporâneos de semiótica e linguística estruturalista. Ao propor um modelo baseado na relação arbitrária entre significante e significado, Saussure estabeleceu as bases para compreensão dos sistemas linguísticos como estruturas convencionais e dinâmicas. E com isso, influenciou muito dos seus sucessores⁶.

A semiótica começou a ser aplicada aos estudos bíblicos com o encontro formal entre Greimas e especialistas em Bíblia em 1968, no Grand Séminaire de Versailles, marcando a introdução dessa abordagem na exegese bíblica (Cardoso, 2017, p. 28). Em 1969, essa aplicação foi discutida no Congresso da Associação Bíblica Francesa, com os debates publicados em *Exégèse et Herméneutique* (Cardoso, 2017, p. 28). A partir desse evento, surgiram grupos como o CADIR (1979), na Universidade Católica de Lyon, dedicados à análise semiótica do texto bíblico⁷. Uma das abordagens

⁶ Hjelmslev, retomando as análises de Saussure, propôs uma visão estruturalista do signo, composto por significante (expressão) e significado (conteúdo), sendo ambos aspectos essenciais e interdependentes do signo (Hjelmslev, 1975, p. 53-54). Ele introduziu a distinção entre nível de expressão e nível de conteúdo, enfatizando a importância de analisar como a forma e o conceito interagem dentro de um sistema (Hjelmslev, 1975, p. 58-64; Nörth, 1996).

⁷ Para maiores contextualizações, ver a tese de doutorado de CARDOSO, Dario de Araujo. **Corpo e presença na Bíblia Sagrada**. 2017. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-21022018-104542. Acesso em: 2025-02-04. ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótmán. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

centrais é o estudo do "mundo de sentido" dos textos sagrados, permitindo sua comunicação além de seu contexto original, o que consolidou a semiótica como uma ferramenta relevante para a hermenêutica bíblica.

Neste sentido, realizaremos uma análise semiótica da perícope de Romanos 11:33-36, a fim de analisarmos o discurso doxológico paulino e a relação de seu discurso nas semiosferas culturais de seu tempo.

2. PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A LEITURA SEMIÓTICA DE ROMANOS 11:33-36: UM DIÁLOGO ENTRE GREIMAS E LÓTMAN

A análise sêmica⁸ proposta por Greimas busca entender a organização do conteúdo linguístico de forma estruturada, por meio da identificação das unidades de significado presentes no discurso (semântico) (Greimas e Courtés, 1979, p. 404-405). Os lexemas (Greimas e Courtés, 1979, p. 252-253; Greimas, 1976, p. 48-53), ou palavras isoladas, são analisados à medida que interagem e se combinam para formar sememas (Greimas, 1976, p. 60-62). Esses sememas são compostos por dois componentes fundamentais: o núcleo sêmico e o sema contextual (Greimas, 1976, p. 70; Greimas e Courtés, 1979, p. 402-404). Neste sentido, Greimas apresenta que o núcleo sêmico é a parte invariável do semema, ou seja, a essência que define o significado de um termo, independentemente do contexto em que é utilizado (1976, p. 61). Por outro lado, o sema contextual representa a parte variável, que se adapta ao contexto específico no qual o termo é inserido, podendo alterar o seu significado de acordo com a situação comunicativa (Greimas, 1976, p. 61). Portanto, a análise sêmica permite captar a riqueza do significado que emerge dessas interações entre lexemas e contextos, ajudando a revelar como o sentido se desdobra em diferentes níveis de abstração no discurso.

Além disso, Greimas introduz a teoria das isotopias, que se refere à recorrência de unidades semânticas que pertencem a uma mesma área de significado dentro de um texto (Greimas e Courtés,

⁸ Pensando de forma prática, na teoria de Greimas, o significado das palavras é construído a partir de unidades mínimas chamadas semas, que se organizam dentro de um lexema e se concretizam como um semema no discurso (Greimas e Courtés, 1979, p. 391). O termo "lobo" possui semas como [+ animal] e [+ predador], que definem suas propriedades. Isoladamente, o lexema "lobo" não tem um significado específico. Quando inserido em um discurso, ele adquire um semema, ou significado contextual. Em "O lobo caçou uma ovelha", o semema mantém o significado original, referindo-se ao animal. Já em "Aquele empresário é um lobo no mercado", o semema se transforma, mantendo traços de predador e agressividade, mas aplicados a uma pessoa competitiva. Isso evidencia que o significado depende da interação entre a estrutura linguística e o contexto.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótmán. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

1979, p. 445-447). As isotopias funcionam como um mecanismo que confere coesão semântica ao discurso, pois estabelecem relações entre os diferentes signos e os agrupa dentro de um campo semântico comum (Greimas e Courtés, 1979, p. 445). Ao longo de um texto, essas unidades semânticas se repetem e se reforçam, permitindo que o leitor ou ouvinte construa uma interpretação coerente e contínua (Bertrand, 2003, p. 185). As isotopias estão diretamente ligadas aos valores axiológicos presentes no discurso⁹. A partir das isotopias, é possível identificar categorias sêmicas relacionadas a conceitos e valores fundamentais, como amor, justiça, poder ou sofrimento. Esses valores organizam o discurso em torno de um núcleo semântico central, que é estruturado por meio de diferentes sememas que, juntos, compõem uma representação complexa do sentido (Greimas e Courtés, 1979, p. 445; Bertrand, 2003, p. 186-187). As isotopias ajudam a identificar como esses valores são expressos e articulados ao longo da narrativa, além de revelar os mecanismos pelos quais o discurso mantém sua unidade.

A teoria da semiótica da cultura, desenvolvida por Iuri Lótman e pela Escola Tártu-Moscou, examina a transformação dos sistemas culturais por meio da produção de novos textos. Enquanto, Greimas analisa a estrutura do significado dentro do texto, poderá ser observado que Lótman analisa como essa estrutura interage com o mundo cultural ao redor. Lótman concentrou sua análise nos textos artísticos, em especial a poesia e o cinema (Nogueira, 2015, p. 104).¹⁰ Em sua teoria semiótica, serão utilizados para este artigo, as fronteiras, as explosões de signos e o dinamismo dos sistemas culturais, aspectos centrais na teoria lotmaniana. E para isso, antes de prosseguir com a teoria semiótica de Lótman, se faz necessário definir o que para ele é cultura. Para Lótman, cultura é um sistema de comunicação e memória coletiva que estrutura a forma como os indivíduos e sociedades interpretam o mundo (Lotman, 1996, p. 77-79). Ela funciona como uma linguagem, composta por textos e códigos que moldam e refletem a identidade cultural. Em sua visão semiótica, todo texto cultural além de transmitir informação, também transforma seu público, criando um "auditor ideal" que internaliza seus valores e normas (Lotman, 1996, p. 80-82). Assim, a cultura é um espaço

⁹ A análise semântica das isotopias também permite identificar como as categorias sêmicas variam ao longo do discurso. Se observa que o discurso pode ser composto por diferentes isotopias que se intercalam, criando uma dinâmica de variação e tensão (Bertrand, 2003, p. 185-189).

¹⁰ A arte, na visão de Lótman, é um dos espaços mais ricos para a produção de novos significados, contrastando com formas de comunicação simplificadas, como a propaganda (Lótman, 2011). Para compreender melhor sobre o trabalho de Iuri Lótman relacionado a arte cf. *Semiotics of Cinema*. Michigan: University of Michigan, 1976 e *Estructura del Texto Artístico*. Madrid: Akal, 2011.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótman. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

dinâmico de diálogo e interação entre passado e presente, onde significados são constantemente negociados e reinterpretados (Lotman, 1996, p. 110; Machado, 2010, p. 159-160)¹¹.

Neste sentido, Machado (2003) explica que a cultura atua como um sistema de signos que transforma a realidade bruta em um texto estruturado, atribuindo-lhe significado. Esse processo de culturalização ocorre por meio de códigos modelizantes, que organizam e estruturam o mundo ao redor do homem, criando uma "sociosfera" que possibilita sua existência simbólica (p. 39). Assim, a cultura não contém apenas significados, mas é em si mesma um manancial de estruturalidade, onde o texto cultural emerge como a expressão dinâmica da relação entre significante e significado. Ou como ela diz “o conceito de cultura como texto, na verdade, deve ser entendido como texto no texto” (2003, p. 39).

Dado esta apresentação, o foco se dará neste primeiro momento as fronteiras. A semiosfera é um espaço onde os signos e significados se organizam de forma homogênea e única, criando uma identidade própria¹². Esse espaço é delimitado por uma fronteira semiótica, que separa o que faz parte da semiosfera daquilo que está fora dela (Lótman, 2005, p. 208). Para algo externo ser compreendido dentro desse sistema, ele precisa ser traduzido para a linguagem da semiosfera (A fronteira funciona como um sistema de tradução) (Lótman, 2005, p. 208-209). Assim, o mundo externo só faz sentido dentro de um sistema cultural quando passa por essa adaptação. O que uma cultura percebe como “não semiótico” pode, na verdade, fazer parte de outra estrutura de significação. Assim, o que é considerado estranho ou sem sentido para um grupo pode ser pleno de significado para outro (Lótman, 2005, p. 208-209). Desta forma, os elementos culturais que ocupam posições marginais podem gradualmente ganhar centralidade, enquanto aqueles que estão no centro podem perder relevância e se deslocar para a periferia, tornando-se secundários ou obsoletos. A inovação frequentemente emerge nessas zonas periféricas ou nas fronteiras culturais, pois são nesses espaços que ocorrem processos de tradução entre sistemas culturais internos e externos (Lótman, 1996, p. 12-19). O que é alossemiótico, ou seja, aquilo que ainda não foi plenamente integrado ou nomeado, pode ser

¹¹ Um fato relevante é que “a semiótica da cultura não é a expressão de uma relação em que “semiótica” indicaria o método e o termo “cultura”, o assunto ou fundamento” como diz Irene citando Lotman. Ou seja, a cultura é fruto da semiose (semeiose) da própria natureza. Cf. Machado, 2010, p. 159-160. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 157-166, junho/agosto 2010.

¹² De um lado, estão os espaços semióticos, onde os signos se organizam e produzem significado dentro de um sistema cultural. Do outro, encontram-se os espaços alossemióticos, que representam o que ainda não foi integrado à cultura. ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótman. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

reinterpretado e incorporado ao sistema cultural dominante, modificando e ampliando seu escopo (Lótman, 1996; 2005).

A semiosfera é um sistema dinâmico, onde a circulação de mensagens ocorre por meio de constantes traduções e ressignificações, gerando novos textos e perspectivas ao longo do tempo (Lotman, 2000, p. 138). Durante períodos de estabilidade, esse sistema tende a absorver e integrar conteúdos que já dialogam com sua estrutura interna, permitindo uma tradução fluida e previsível (2000, p. 70). No entanto, em momentos de explosão cultural, o processo se altera drasticamente. Essas explosões representam períodos de intensa transformação, nos quais elementos semióticos inesperados e aparentemente incompatíveis são incorporados ao sistema. Esse contato com o “estranho” rompe padrões estabelecidos, gerando novas organizações e ampliando os horizontes da cultura (2000, p. 70). Assim, as explosões culturais funcionam como motores de inovação, reestruturando a semiosfera e impulsionando a criação de novas formas de significado. Logo, esse dinamismo, em particular, revela como os sistemas culturais estão em constante movimento, permitindo que textos antes periféricos ocupem posições centrais e vice-versa (Nogueira, 2015, p. 105). Essa fluidez é essencial para compreender a cultura como um organismo vivo, no qual a estabilidade é sempre aparente e a transformação, inevitável. Embora tradições possam ser percebidas como fixas, a semiótica da cultura evidencia que elas estão em contínua reformulação, impulsionadas pela interação entre elementos internos e externos ao sistema cultural (Nogueira, 2015, p. 105).

3. ANÁLISE SEMIÓTICA DE ROMANOS 11:33-36

A perícopes de Romanos 11:33-36 representa um doxológico fechamento do argumento paulino acerca do plano redentivo de Deus, articulado ao longo dos capítulos anteriores da epístola¹³. Para realizar uma análise sêmica desse trecho, fundamentar-nos-emos nas contribuições da semiótica estrutural, particularmente nos estudos de Greimas (1976 ;1979) e Lótman (1996; 2000; 2005; 2011),

¹³ Segundo Vielhauer (2002, p. 205-222), a carta pertence ao grupo das epístolas autênticas de Paulo, sendo considerada sua obra teológica mais elaborada. Carson (1997, p. 278) observa que, enquanto outras cartas de Paulo lidam com problemas práticos e doutrinários locais, Romanos apresenta um argumento mais universal, abordando temas como a justificação pela fé, a relação entre judeus e gentios e o papel da lei. Osborne (2009, p. 398-411) enfatiza que a estrutura da carta reflete um tratado teológico e pastoral, mostrando a preocupação de Paulo em unificar a igreja sob a compreensão correta do evangelho.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótman. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

ênfatizando a decomposição dos elementos discursivos em traços mínimos de significado (*sememas* e *semas*), bem como as relações paradigmáticas e sintagmáticas presentes no texto (as estruturas isotópicas) e por fim, apresentar o dinamismo cultural presente no discurso. Abaixo segue o texto:

³³ Ὁ βάθος das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! ³⁴ Por que quem compreendeu a mente do Senhor? ou quem foi seu conselheiro? ³⁵ Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? ³⁶ Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.¹⁴

O versículo 33 inicia-se com uma exclamação (Ὡ βάθος). O termo *βάθος* pode ser analisado a partir de um quadro sêmico que o insere em um campo paradigmático relacionado à imensurabilidade e à incompreensibilidade.

Item lexical	Semas Principais
<i>βάθος</i> (profundidade)	Imensurabilidade (+), Ocultação (+), Mistério (+), Inacessibilidade (+)
<i>πλοῦτος</i> (riqueza)	Abundância (+), Valor (+), Preciosidade (+), Doador (+)
<i>σοφία</i> (sabedoria)	Conhecimento profundo (+), Inteligência (+), Planejamento (+)
<i>γνῶσις</i> (conhecimento)	Compreensão (+), Ciência (+), Verdade (+)

Esse paralelismo entre *πλοῦτος*, *σοφία* e *γνῶσις* estabelece um campo de sentido que enfatiza a incomparabilidade de Deus. No eixo sintagmático, esses termos reforçam o caráter sublime da ação divina, indicando que os juízos e caminhos de Deus são ἀνεξεραύνητα (insondáveis) e ἀνεξιχνίαστοι (inescrutáveis), o que amplia o traço sêmico de incompreensibilidade (Greimas e Courtés, 1979, p. 404-405). Já o versículo 34 apresenta uma questão retórica: "Quem conheceu a mente do Senhor?" (τίς ἔγνω νοῦν Κυρίου). Aqui, temos uma oposição semântica estruturada entre os traços conhecível / incognoscível:

Item lexical	Semas principais
--------------	------------------

¹⁴ 33 Ὡ βάθος πλούτου καὶ σοφίας καὶ γνώσεως Θεοῦ ὡς ἀνεξεραύνητα τὰ κρίματα αὐτοῦ καὶ ἀνεξιχνίαστοι αἱ ὁδοὶ αὐτοῦ 34 Τίς γὰρ ἔγνω νοῦν Κυρίου ἢ τίς σύμβουλος αὐτοῦ ἐγένετο 35 Ἡ τίς προέδωκεν αὐτῷ καὶ ἀνταποδοθήσεται αὐτῷ 36 ὅτι ἐξ αὐτοῦ καὶ δι' αὐτοῦ καὶ εἰς αὐτὸν τὰ πάντα αὐτῷ ἡ δόξα εἰς τοὺς αἰῶνας ἀμήν. Texto retirado de **The Greek new testament**/edited by Kurt Alan [et al.]. Stuttgart : United Bible Societies; Deutsche Bibelgesellschaft, 1994, p. 552. Já o texto em português foi retirado de **Bíblia de Jerusalém : nova edição escrita e ampliada**/ direção editorial de Pualo Bazaglia – São Paulo: Paulus, 2002, p. 1986.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótman. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

νοῦς (mente)	Racionalidade (+), Compreensão (+), Propósito (+)
γινώσκω (conhecer)	Percepção (+), Entendimento (+), Experiência (+)

A negação implícita na pergunta retórica reforça o traço sêmico da incognoscibilidade dos desígnios divinos. O termo *νοῦς* sugere uma estrutura cognitiva organizada, mas, no campo semântico do discurso paulino, essa estrutura não é acessível ao homem, enfatizando a dependência da revelação divina (Greimas e Courtés, 1979, p. 208). O versículo 35 pergunta: "Quem primeiro deu a ele para que lhe seja retribuído?" (*Ἡ τίς προέδωκεν αὐτῷ καὶ ἀνταποδοθήσεται αὐτῷ*). A construção sêmica aqui opõe os conceitos de retribuição.

Item lexical	Semas principais
<i>προδίδωμι</i> (dar primeiro)	Iniciativa (+), Causa primeira (+), Origem (+)
<i>ἀνταποδίδωμι</i> (retribuir)	Compensação (+), Justiça (+), Equivalência (+)

Aqui o campo sêmico evidencia a assimetria entre Deus e os homens. A pergunta, retórica, novamente sugere que ninguém pode reivindicar retribuição da parte de Deus, pois Ele é a origem de todas as coisas. Isso reafirma o sema da autossuficiência divina, eliminando qualquer noção de méritos humanos. Por fim, o versículo 36 sintetiza o discurso paulino ao afirmar: "Porque d'ele, por ele e para ele são todas as coisas" (*ὅτι ἐξ αὐτοῦ καὶ δι' αὐτοῦ καὶ εἰς αὐτὸν τὰ πάντα*). Aqui, temos um campo sêmico de causalidade:

Item lexical	Semas principais
<i>ἐξ</i> (de, a partir de)	Origem (+), Princípio (+), Fonte (+)
<i>διὰ</i> (por meio de)	Instrumentalidade (+), Mediação (+), Causa eficiente (+)
<i>εἰς</i> (para, em direção a)	Propósito (+), Finalidade (+), Direção (+)

A tripla preposição estabelece um paradigma de totalidade que sugere a dependência absoluta da criação em relação a Deus. A estrutura sêmica reflete o esquema origem-processo-finalidade, inserindo o divino como a realidade fundamental de toda existência.

Portanto, a análise sêmica de Romanos 11:33-36 evidencia uma estrutura semiótica de antinomia entre conhecimento humano e sabedoria divina, sustentada por (I) eixo da

incompreensibilidade → Deus é insondável (*βάθος, ἀνεξεραύνητα, ἀνεξιχνίαστοι*), o que reforça a superioridade frente a humanidade. (II) eixo da mente divina → O homem não pode compreender totalmente a mente de Deus (*νοῦς Κυρίου*), o que nega qualquer autonomia cognitiva absoluta. (III) eixo da retribuição → Deus não deve nada ao homem, enfatizando sua autossuficiência (*προδίδωμι, ἀνταποδίδωμι*). (IV) Eixo da totalidade cósmica → Deus é a origem, o meio e o fim de todas as coisas (*ἐξ αὐτοῦ, δι' αὐτοῦ, εἰς αὐτόν*), o que implica um esquema de dependência absoluta.

Seguindo a distinção proposta por Bertrand (2003, p. 188), podemos identificar tanto isotopias figurativas, que dizem respeito aos atores, tempo e espaço, quanto isotopias temáticas, que expressam valores axiológicos subjacentes ao discurso paulino. Através desta abordagem se compreende como o texto constrói um percurso enunciativo que culmina em sua doxologia final (Fiorin, 1999, p. 35)¹⁵.

No nível das isotopias figurativas, podemos identificar a presença de dois polos fundamentais: Deus como sujeito absoluto do discurso e a humanidade em sua posição de alteridade. O próprio desenvolvimento sintático do texto reforça essa assimetria, pois Deus aparece sempre como o centro da ação, enquanto a humanidade é apenas mencionada de forma implícita, a partir da sua incapacidade de compreender, aconselhar ou retribuir a Deus. A inexistência de um agente humano ativo enfatiza um percurso figurativo que exclui qualquer protagonismo do ser humano, reiterando a soberania e a transcendência do divino. O espaço figurativo é, por sua vez, construído metaforicamente através de termos como *βάθος* (profundidade), que, embora inicialmente sugira uma dimensão espacial, adquire um valor simbólico ligado à incompreensibilidade divina.¹⁶ O tempo figurativo, por sua vez, é elidido no desenvolvimento do enunciado, pois as ações atribuídas a Deus são formuladas em termos atemporais, sugerindo uma eternidade inerente às suas decisões e juízos. A única referência temporal explícita surge no fechamento da doxologia: *εἰς τοὺς αἰῶνας* (para os séculos), o que confirma a ideia de um tempo que não está submetido à linearidade histórica, mas à permanência absoluta. Esse percurso temporal reforça a isotopia da soberania divina.

¹⁵ Segundo Fiorin (1999), ao produzir um enunciado, cria-se uma "convenção fiduciária" entre o enunciador e o enunciatário, que define o "estatuto veridictório do texto". Essa convenção possui dois aspectos: o primeiro refere-se a como o texto deve ser considerado em relação à verdade e à realidade; o segundo diz respeito a como os enunciados devem ser interpretados, ou seja, se de forma literal ou interpretativa, levando em conta contextos subentendidos.

¹⁶ A metáfora da profundidade evoca uma noção de distanciamento epistemológico, um espaço inatingível pelo intelecto humano, reforçado pelos qualificativos *ἀνεξεραύνητα* (insondáveis) e *ἀνεξιχνίαστοι* (inescrutáveis). Assim, há uma oposição entre dois espaços discursivos: o da interioridade divina, inacessível e transcendente, e o da exterioridade humana, marcada pela limitação e pela ignorância.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótmann. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

No nível das isotopias temáticas, o discurso paulino mobiliza um conjunto de valores axiológicos que estruturam a hierarquia semântica do texto. A isotopia da “soberania” é dominante, evidenciada por termos que enfatizam a incapacidade humana de compreender os planos de Deus (*τίς ἔγνω νοῦν Κυρίου*; quem conheceu a mente do Senhor?). Essa inatingibilidade de Deus é qualificada positivamente no discurso, enquanto qualquer tentativa de racionalização humana é silenciada. Por fim, a isotopia da finalidade cósmica se manifesta na tripla preposição *ἐξ αὐτοῦ, δι’ αὐτοῦ, εἰς αὐτόν* (dele, por ele e para ele), que estabelece um esquema cíclico em que Deus não apenas origina, mas também sustenta e finaliza toda a existência. Esse percurso traduz uma axiologia na qual a totalidade da criação está orientada para a glória divina (*αὐτῷ ἡ δόξα*), consolidando uma estrutura onde todos os valores se resolvem na exaltação de Deus como o fim último da realidade. A análise isotópica do texto revela uma estrutura discursiva hierarquizada, onde as isotopias figurativas destacam Deus como o único ator ativo e as isotopias temáticas reforçam sua transcendência e finalidade última. A culminância do texto, com a doxologia final no capítulo 11, não apenas conclui o argumento, mas o legitima como um ato de louvor. O discurso de Paulo articula um modelo semiótico do divino, evidenciando a grandeza de Deus em contraste com a limitação humana. O processo semiótico segue um crescendo, do mistério à totalidade cósmica, culminando na glorificação, reafirmando a soberania divina como o centro da narrativa paulina.

Na visão de Lótman, todo texto pertence a um sistema semiótico mais amplo, interagindo com signos e discursos distintos. Romanos 11.33 e sua inserção na tradição apocalíptica judaico-cristã evidenciam um elemento essencial da construção discursiva paulina: a noção de mistério divino e sua relação com a revelação escatológica (cf. 11.25). Esse aspecto dialoga com o conceito lotmaniano de alossemiótico, que se refere a elementos ainda não completamente integrados ou nomeados dentro de um sistema cultural e que necessitam de ressignificação constante. A profundidade das riquezas da sabedoria e do conhecimento de Deus, conforme expressa no versículo, ressoa com a tradição apocalíptica que perpassa escritos judaicos intertestamentários, como 2Baruque 14.8-9¹⁷, 1Enoque

¹⁷ Ó Senhor, meu Senhor, quem pode entender o seu julgamento? Ou quem pode explorar a profundidade do seu jeito? Ou quem pode discernir a majestade do seu caminho? Ou quem pode discernir seu conselho incompreensível? Ou quem dos que nasceram já descobriu o começo e o fim da sua sabedoria? Texto retirado de WINTERMUTE, O. S. 2 Baruch. In: CHARLESWORTH, James H. **The old Testament Pseudepigrapha**. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1983.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótman. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

93.11-14¹⁸, 4Esdras 5.38-49¹⁹, e mesmo o apocalipse de Sofonias, onde a relação entre mistério e destino pós-morte se torna central. A utilização do termo *mysterion* em Romanos 11.25 indica a continuidade da influência apocalíptica no discurso paulino, especialmente ao tratar da salvação de Deus. O conceito de mistério, no contexto dos apocalipses judaicos e cristãos, está ligado ao conhecimento restrito e mediado por experiências visionárias, incluindo viagens ao inferno e ao céu.

Outro fator que vimos foi o conceito de fronteira que desempenha um papel fundamental na delimitação e na comunicação entre diferentes sistemas culturais. As fronteiras não apenas separam, mas também possibilitam trocas simbólicas e processos de tradução entre distintas tradições. A estrutura do doxológico em Romanos 11.33-36²⁰ guarda paralelos com a linguagem estoica, particularmente na formulação "todas as coisas são dele, por meio dele e para ele" (11.36), que encontra ressonância em textos de Pseudo-Aristóteles, Sêneca e Marco Aurélio (Pate, 2015, p. 229).

O judaísmo helenístico, ao interagir com a tradição filosófica greco-romana, apropriou-se de certos conceitos e expressões estoicas para reafirmar a soberania e a unidade do Deus de Israel. Paulo, inserido nesse contexto, herda essa tradição e a reconfigura cristologicamente, aplicando a linguagem cosmológica do estoicismo tanto a Deus quanto a Cristo. Esse fenômeno é compreendido à luz da semiótica cultural como um processo contínuo de tradução e ressignificação de signos entre sistemas culturais distintos.

¹⁸ Existe alguém capaz de ouvir a voz do Santo sem se abalar? Quem é capaz de refletir sobre seus (profundos) pensamentos? Quem está aí que pode olhar diretamente para tudo de boas ações? - Que tipo de pessoa é aquele que pode (plenamente) compreender as atividades do céu, para que ele possa ver uma alma, ou mesmo talvez um espírito - ou, mesmo se ele ascendeu (aos céus) e viu todos (estes seres celestiais e) suas asas e contemplado eles; ou, mesmo que ele possa fazer (o que os seres celestiais) fazem? - e é capaz de viver? Que tipo de pessoa é qualquer pessoa que seja capaz de compreender a natureza da largura e comprimento da terra? Para quem tem a extensão de todos esses foi mostrado? Existe por acaso algum ser humano ser que é capaz de compreender a extensão do céu, a extensão da sua altitude, sobre o que está fundado, o número de estrelas e (o lugar) onde todos os luminares descansam? Texto retirado de WINTERMUTE, O. S. 1 Enoch. In: CHARLESWORTH, James H. **The old Testament Pseudepigrapha**. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1983.

¹⁹ "Ó soberano Senhor", eu disse, quem é capaz de saber estas coisas, exceto aquele cujo habitação não é com homens? Quanto a mim, não tenho sabedoria, e como posso falar sobre as coisas que você me perguntou? Texto retirado de WINTERMUTE, O. S. The fourth book of Ezra. In: CHARLESWORTH, James H. **The old Testament Pseudepigrapha**. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1983.

²⁰ Estas comparações não anula o fato de o texto ter relações com Isaías 40.13 e Jó 41-11.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótmann. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de Romanos 11:33-36 revela um discurso altamente estruturado, onde a relação entre Deus e a limitação humana é enfatizada por meio de isotopias figurativas e temáticas. O texto paulino constrói um percurso discursivo que reforça a incompreensibilidade dos desígnios de Deus, a soberania absoluta do Criador e a centralidade da glória divina como finalidade de toda a existência. O esquema estrutural proposto por Greimas permitiu identificar a articulação entre os traços sêmicos, revelando um padrão de oposição entre conhecimento humano e sabedoria divina e entre autonomia e dependência.

Ademais, ao aplicar as contribuições da semiótica cultural de Lótman, percebe-se que o discurso de Paulo não se desenvolve isoladamente, mas interage com diferentes sistemas culturais. A presença de elementos da tradição apocalíptica judaica, bem como a influência do pensamento estoico na formulação da relação entre Deus e a criação, ilustra a dinâmica de fronteiras culturais e a tradução de signos entre contextos distintos. Essa intertextualidade reforça a coerência interna do discurso paulino, como também evidencia um processo contínuo de ressignificação.

Dessa forma, o estudo de Romanos 11:33-36 através da semiótica estrutural e cultural esclarece as estruturas internas do texto e permite compreender como o discurso paulino se posiciona em relação ao ambiente histórico-social de sua época. A doxologia final não se apresenta apenas como um encerramento retórico, mas como uma culminância discursiva, reafirmando a soberania de Deus e sua posição como princípio e fim de todas as coisas. Esse estudo contribui, portanto, para uma compreensão mais desenvolvida na formulação paulina.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução Ivã Carlos Lopes et al. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Bíblia de Jerusalém : nova edição escrita e ampliada/ direção editorial de Paulo Bazaglia – São Paulo: Paulus, 2002.

BRODEN, T. F. Sémiologie/sémiotique chez Saussure et Jakobson: concepts, filiation, débats. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 19, p. 237–247, 2018. DOI: 10.21680/1517-

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótman. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

7874.2017v19n0ID13585. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/13585>.

Acesso em: 4 fev. 2025.

CARDOSO, Dario de Araujo. **Corpo e presença na Bíblia Sagrada**. 2017. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-21022018-104542. Acesso em: 2025-02-04.

CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento** : Grego, português. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. Tradução Haquira Osakabe. São Paulo: Cultrix, 1976.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução Alceu Dias de Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1979.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LÓTMAN, Iuri. **Estructura del Texto Artístico**. Madrid: Akal, 2011.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I**: Semiótica de la cultura y del texto. Valencia: Frónesis, 1996.

LOTMAN, Iuri. **On the Semiosphere**. Sign Systems Studies, v. 33, n. 1, p. 213, 2005.

LÓTMAN, Iuri. **Universe of the Mind**. A Semiotic Theory of Culture. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2000.

MACHADO, Irene. **Cultura em campo semiótico**. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 157-166, junho/agosto 2010.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica**: A experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp, 2003.

NOGUEIRA, Paulo. Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera. **Estudos de Religião**. vol. 29, n. 1, jan.-jun. 2015, p. 102-123.

NÖTH, Winfried. **A Semiótica no Século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Pierce. São Paulo: Annablume, 2009.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótmán. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo : Vida Nova, 2009.

PATE, C. Marvin. **Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

PEIRCE, C. S. (1931-58). **Collected Papers**. Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks (same publisher, 1958).

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

The Greek new testament/edited by Kurt Alan [et al.]. Stuttgart : United Bible Societies; Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

VIELHAUER, Phillip. **História da literatura cristã primitiva**: Introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos do Novo Testamento e os Pais Apostólicos. Santo André, SP: Academia Cristã Ltda, 2012.

ARAUJO, Anderson Silva de, MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de. Estruturas de significação em Romanos 11:33-36: Uma análise semiótica sob a perspectiva de Greimas e Lótmán. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069